

# Theatro do Gymnasio

## IRMAOS

### LAMBERTINI



### DORA



E' uma companhia de comicos, tão notavel na Italia, como é em Portugal, a dos manos Arroios. Ahi a temos agora no Gymnasio, com um repertorio dramatico e operetico, muito para pôr em relevo a formosura da Lambertini mais velha, e para arrancar lagrimas do jogo passional da Lambertini mais nova.—Famosos artistas!

# COLISEU



AS LAMARQUE são duas graciosas figuritas d'artistas, frescas e aiadas como borboletas, que um pae feroz continuamente pastorea no palco, defendendo-as com unhas e dentes, dos lobos femeo-carniceiros que abundam por alli. Tocam ambas uma coiza de que chamam *xilephono*, sorte d'instrumento confeccionado de palha; mas a peça de resistencia dos seus concertos é a rebecca, que uma d'ellas toca, com virtuosidades nascentes de *petit-prodige*. Entremeam estes concertos do Colyseu, as recitas da Companhia hespanhola, que por lá se tem arrastado, nem mal nem bem, antes pelo contrario, com uma escolha de peças, que ás vezes fazem tristeza, e que outras vezes fazem somno. O que não quer dizer que as *soirées* do Colyseu não estejam concorridas, e que não seja agradável ir lá cavaquear um bocado, com as mulheres... de toda a gente.

## O reinado dos amanuenses

Des'que S. Bento abriu, até hoje, calcula-se em dois mil o número dos requerimentos enviados ao parlamento, por funcionarios publicos que reclamam augmento d'ordenado.

D'estas reclamações, já foram produzidas em côrtes, centenaes, e o resto ha-de ir indo, pois que os deputados introductores, só esperam, para envial-as á meza, uma occasiãosita adquada.

Figuram a assignal-as, *servidores* d'Estado de todas as cathogorias e especialidades: ha militares, ha padres, ha juizes, ha amanuenses, escrivães, governadores do ultramar, profssores e guardas fiscaes. Todos estes pobres funcionarios—para a mór parte dos quaes o tra-alho é tão aspero, que lhes não permite se levantem mais tarde do que o meio dia.—alegam que estando a vida cara, forcoso é que o *biberon*

do Estado lhes mande fornecer mais algum leite, pois não conviria dar aos estrangeiros o espectáculo d'uma burocracia magra, em opulencia de paiz que nada deve ás esmolos que anda a pedir, por essas praças europeas.

Por forma, que emquanto por toda a parte os que trabalham, gemem a nullidade dos seus esforços, maldizendo a terra cançada que lhes não produz colheitas, o desprezo do comprador pelos productos das fabricas nacionaes, a retracção do capital portuquez no auxiliar de coizas nossas, sejam quaes forem, venham d'onde vierem—emquanto nas provincias, a charneca se apodera dos terrenos araveis, a vinha morre, os olivaes definham, os castanheiros apodrecem, o camponez emigra, e as grandes casas aluem de hypothecca—vê-se o formigueiro de parasitas gordos, marchando de todos os pontos do paiz direito

á capital, a procurar nos bastidores da politica, talisca por onde metter as mandibulas nos celeiros do Estado, que d'ora ávante terá de constituir-se em patrono de todas as vadiagens, e em esmolér-mór de todas as preguiças.

E' curioso seguir a marcha d'esta especie nova, e todavia tão velha já, de *maitres-chanteurs* burocratas, sem iniciativa para tentar vida por conta propria, e ao mesmo tempo sem vergonha para prescindirem dos confortos que sonham de gosar, por via do emprego publico.

Em quinze annos, quasi todo o paiz provincial se desguarneceu das suas laboriosas familias agricolas, cuja existencia patriarchal prendia á terra, pelo exemplo do trabalho, tantas gerações de camponeses. As casas ricas, desorientadas pelo devorismo de Lisboa, abandonaram de vez a feitores e rendeiros, as suas quintas, lançaram os filhos na feira franca de S. Bento, vieram para a capital queimar o pé de meia das suas economias, mostrar ás filhas o adultério das amigas que se passeiam em *landeau* pela Avenida; e é triste vêr como pequenas povoações do Algarve, do Alemtejo, das duas Beiras, do Douro, outr'ora fartas e florentes, agora jazem em ruinas, com os palacios fechados para sempre, as ortigas nas soleiras das cabanas, o velho adro em ruinas, e todos os campos de roda, talados pelo abandono da charrua, que não mais ha-de sulcar a terra em fins d'outomno, quando a alveloa grita nos regos abertos, e as primeiras chuvas espargem nos alqueves, as primeiras perolas da abundancia.

Ah, quando me lembro que andam na aldeia os meus irmãos e os meus parentes, descalços, rotos, ingenuos, piolhosos, sem medico que os tracte, sem padre que lhes baptise os filhos, sem dinheiro que lhes permita consoar de gordo, em dia d'annos, a trabalhar d' enxada treze horas, para que um director geral ganhe tres contos, para que haja inspectores de Bellas Artes que não existem, directores de mercados que não vendem nem compram, deputados que escolcinham como brutos — para que dez commissões rendam a este, dez contos, sem trabalho, e aquelle vá por cincoenta, fazer a sua passeata ao estrangeiro — quando me lembro de que todas as receitas de quatro milhões d'almas, são desbaratadas n'uma orgia de trezentos valdevinos, não sei que medonha confusão de coisas me avassalia, que me ponho a affirmar que a guilhotina, sobre salutar como exemplo, era talvez, n'esses scellecados, uma completa obra de Justiça!

×

Com sobeja razão, dizia ha pouco tempo, um publicista: *Portugal, é Lisboa* — somente elle esqueceu de detalhar, que Lisboa é apenas o Terreiro do Paço. A cidade cresce todos os dias em edificações de luxo, á custa da provincia, e á proporção sobretudo que vão augmentando os quadros burocraticos. A manga de lustrina tornou-se uma expressão de vadiagem, peor que umas certas que a policia corrige, pois se disfarça sob apparencias do trabalho, e levanta a grimpá em basofias d'independencia, tanto mais impunes, quanto mais insolvel se vaé tornando a miseria das outras classes. E' da burocracia que os partidos monarchicos sacam a fantochada espuria

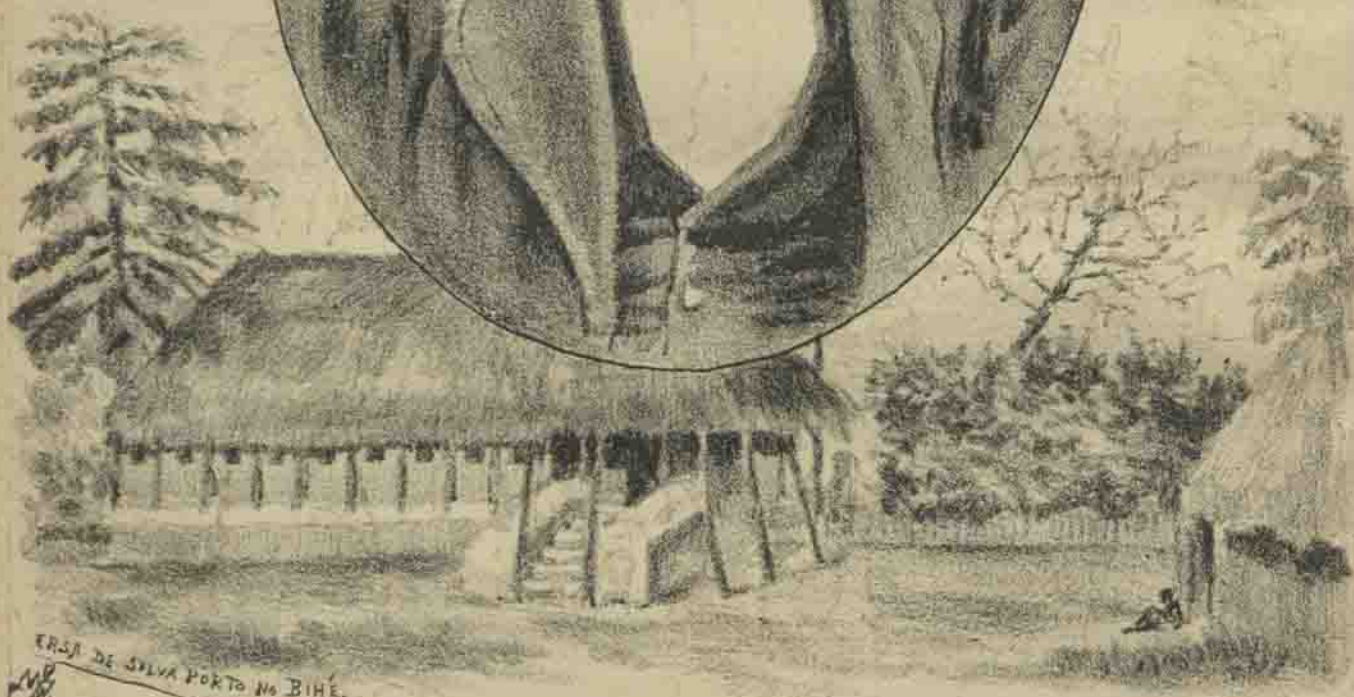
que os defende, que os ampara, e os constitue; e esta confraria de expertos inúteis, que faz os parlamentos e os jornaes, os movimentos d'opinião preponderante, a claue dos thronos e o esteio dos ministros devassos, esta confraria bem presente a necessidade de se unir, como os pecegos de *Demi-Monde*, para occultar ao publico, a sua nodôa de podridão oxiginaria. E' ella a unica vacca media, n'este miseravel paiz que tem nos ossos o rachitismo gallico de seis seculos de monarchias deprimentes. Rua a unica que manda e prepondera á nossa custa, e que para ter carruagens e palacios, festins e sedas, sanciona no parlamento os *bill* vergonhosissimos, consente no acrescimo dos impostos, por ter tudo a ganhar na partilha dos dinheiros do povo — do povo, que ainda se não convenceu de que os gatunos agora andam fardados!

Assim, não ha mãos a medir no arrolamento dos que quotidianamente vendem ao Estado, por um conto de reis annual, a sua acquiescencia no medonho deboxe politico em que ora vamos, e que ha-de ser, temos esperança, a symphonia d'abertura da bancarrota. As portas dos ministerios, todos os semestres se abrem para deixar entrar os bandos de pedintes: e seis mezes volvidos, quando esses aposentados na ucharia monarchica, replectos da boda, já não defendem os porqueiros que lhes deram abrigo, ouve-se á porta o vozear dos pedintes novos, aos quaes forçoso é dar piteu, que os malandros são gajos experientes, e juntam á cobardia de supplica, a navalha de ponta e mollá da traição.

Tenhamos esperança entanto, de que a hora das retalições virá, n'um periodo breve. A maré sobe, não já maré d'ideias e d'oposição racionante, mas d'envilecimento geral, de fome, de desespero, e d'odio sem guarida! Quando o ludibrio attinge um tamanho grau de desvergonha, a victima popular tem o direito de se desforçar até pelas traições, sabendo embora de que a levarão, no dia seguinte, ao cada-falso. E ninguem duvida já, de que seja pelo terror d'esse dia, que *elles* se armam, e procuram evitar-nos frente a frente. Augmentam as tropas: não é para agora, não, que todos esses quartéis inpam chanfalhos. Proíbem-se as associações e os *meetings*: não é com receio ás arengas do Lima, nem ás apostrophes, *genero bordado da ilha*, do Arringa. É que elles sentem que está acabar a ora das simples perorações declamativas, e chega o momento da fome apparecer ao povo, como um Galamba sinistro, para fazer de cada esfaimado inermé, um trabuqueiro. Tudo se apresta, tudo, p'ro desforço!

A questão colonial, dará em Portugal o enconção d'alarme, porque da pendencia anglo-allema sahirá um accordo de duas potencias carniceiras, que partilharão entre si, nossos dominios. Então, como hontem, encher-se-hão as ruas de gente, as cidades de gritos, e de sezaõ nervosa, os populares. Sahirão á rua as guardas reforçadas, tiros, prisões, telegrammas nos jornaes da Europa, descida de fundos, primeiros fracassos no credito... E ao depois, e ao depois, meu querido hespanhol, cá te esperamos! Por ventura has-de ser tua redempção, pois trará novo, que seja como for, sempre ha-de ser melhor do que toda esta ignobil porcaria.

# Silva Porto



ESTÁ DE SILVA PORTO NO BIHÉ.

(O famoso explorador portuguez, sertanejo illustre e octogenario, cuja morte acaba de dar-se no Bihé, onde era rezidente. No caso de confirmar-se a triste nova, com todos os commentarios que a acompanham, Silva Porto é mais uma victima das infamias inglezas, na Africa interior. Esperemos a confirmação dos factos, para nos expandirmos depois na obra da flagellação que o caso requer).

# O bill

## O QUE É?



— Vocellencia, sr. 73, que tem ordens para ser o mentor das minhas ideias, e chanfalho para corrigir os meus desmandos, não me pôde dizer que coisa é este bill, tão fallado?

O bill é assim uma coiza, como o outro que diz — sim, é uma coiza!



— Bilha sei eu o que é; mas bill!  
 — Pela bilha, bebe-se, pateta; agora pelo bill...  
 — Come-se, adevinho.

— E visto que ha coiza de comer, já sei quem paga a conta. Ah grandes typos!

RIP 445 L B O R D R L L O F M I N E R O

## O CASO DOS MORANGOS

AO MEU SYMPATICO AMIGO O DR.  
NUNO PORTO

Em mil venturas absorto,  
Qual mais doce, de alcaçuz,  
Vinha o doutor Nuno Porto,  
— Apoz o bello conforto,  
D'uma girata a Queluz.

Trazia — n'alma, a formosa  
Consolação dos felizes;  
E — n'um cabaz, meia grossa  
De morangos cor de rosa,  
P'ra dar um gaudio aos petizes.

Mais feliz de que um alumno  
Que de mestre alcança a palma,  
Feliz vinha o doutor Nuno,  
N'esse bem 'star opportuno  
Que conforta corpo e alma.

Porém, n'isto, de repente,  
Inesperado, senão quando,  
Do doutor mesmo na frente  
Surge o vulto omnipotente  
D'um fiscal — do contrabando.

E, com ar's de grão senhor,  
Carrancudo o gesto e a face,  
Poz-se a apalpar-lhe em rigor  
— Tudo, tudo o que o doutor  
Consentiu que elle apalpasse!

E, com voz — que até me aterro  
De lemb'al-a — qual obuz,  
Desesperado dando um berro,  
Agarrou co' a mão de ferro  
Nos morangos de Queluz!

E disse sem mais delonga,  
Aprumando o coleirinho:  
— Seja embora a estrada longa,  
Quem trazer d'esta candonga  
Volta p'lo mesmo caminho!

— Cá, não ha quem lh'a despache,  
Falta o fiscal da derrama;  
Já saiu — como é da praxe...  
(Ainda em cata de *sutache*  
P'ra o vestido da madama.)

— Tantos morangos não acho  
Devam passar ao desleixo!  
Portanto, volte p'ra baixo;  
Só passava com despacho  
— E eu, sem despacho, não deixo...

— Passa cadonga famosa,  
Carradas, predios e quintas!  
Passam mil coisas... ó Rosa...  
Mas morangos — meia grossa —  
Issó é que está-se nas tintas!...

E o doutor, no seu carrinho,  
Carregou co' aquella cruz:  
Voltar p'lo mesmo caminho,  
Sobraçando o cabasinho  
Dos morangos de Queluz.

De alegre, sempre vos digo,  
Posso dançar tres fandangos:  
— Passei ás portas, sem p'rtigo,  
... E é que trazia comigo  
Dois formidaveis morangos!...

PAN-TARANTULA

## OS PRETOS DE CATUMBÉLLA

(PAGINA DE MODAS)



— Que salero de dona, ó Gouveia! Olha como se meche!

— Deliciosa, sim, senhor! Na primeira viagem de Arroio ao Porto, haide lhe arranjar um passe, e iremos os tres, a vêr se salva outra vez a Serra do Piilar.



Com os pretos, um delirio. Em elles passando, as *cocottes* extasiam, Deixal-as penar!



Inversão de cosmetics, na *toilette*. As pretas cobrem-se de pós d'arroz.



Justo sera que as brancas comecem agora a cobrir-se de pós de sapatos. — É assim vae o mundo!

### QUESTAO AFRICANA

Tão branca quem era out'ora  
Qual preta de Pungo-Andongo!  
Como alveja tanto agora?  
Com SABONETES DO CONGO!

Maquaria Victor Vaisier et, em Paris

# NA GALERIA DA CAMARA

(Craquis soltos)

## PAESINHOS DA PATRIA



F. P.

Sem pé no Pelourinho e com pé em S. Bento.

De dextra no peito,  
Com casa em Dafundo,  
Tem voz e tregeito  
De baixo profundo.



Y. F.

Muito quietinho, muito socegadinho, muito sec-  
cadinho, com muito somninho, faz uso dos nobres  
calmantes do solar.



S. de C.

Em poucas linhas :

— O' Sergio, tu és tão forte, que comes o Lobo,  
que fica em casa sem ser deputado ?



A. da C. e S.

Já fui catita n'Alfandega  
Sou gentil e não pelintra!  
Que reinação e que pandega!  
Sou deputado por Cintra!



J. C. da C.

Modelo para tumulos!  
Anda com pausa, dobra a finados, joga o *whist* e  
offerece rapé.  
Muito procurado para *salsifres* familiares, está em  
bom uso para padrinho e faz vir a lagrima ao olho.



P. V. (A).

Correcto de bico callado, feroz de bico aberto.  
Accomoda-te. joven leão vimaranense!



L. V. T.

Eloquencia capillar e retorcida de primeira qua-  
lidade.  
Pelo carnaval aluga-se d'esta eloquencia no Go-  
dfroy.

# A canção da partida

(Chanson du depart)



Frum, frum, frum, que eu vou p'ra Angola!